

## OS VERBOS FRASAIS INGLESES E O POTENCIAL REFERENCIAL DA LÍNGUA

Márcio M. G. Silva (Professor de inglês, tradutor e ambientalista)

**Abstract:** This article has two main objectives. The first is to discuss the so-called phrasal verbs of the English language, emphasizing that they are basically composed of a prepositional or adverbial particle, which, for this very reason, has a spatial basis, as is usually the case with prepositions in general. I follow the proposal of Lakof & Johnson (1980), according to which *up* is “good, desirable” and *under* is “bad, not desirable”. This also happens with *in front of*, which is preferable to *in back of*. The second objective is to show that the strategy of forming a new verb by adding a particle to a verbal base is just one of the countless resources that English has to enrich its vocabulary. Other strategies for forming new words include abbreviations (*ad, van, fan*), acronyms (*radar, laser, aka*) and compositions (*laptop, notebook, deadline*), in addition to the use of resources from Latin. All this considerably increases the referential-communicative power of English, which, together with the power of the English-speaking countries, facilitated the transformation of English into an international *lingua franca*. The theoretical framework that forms the background of the investigation is Ecosystem Linguistics.

**Key-words:** Phrasal verbs; Vocabulary increase; Referential-communicative power of English; English as international *lingua franca*; Ecosystemic Linguistics.

**Resumo:** Este artigo tem dois objetivos principais. O primeiro é discutir os chamados *phrasal verbs* da língua inglesa, salientando que eles se compõem basicamente de uma partícula de natureza preposicional ou adverbial, que, por isso mesmo tem base espacial, como sói acontecer com as preposições em geral. Sigo a proposta de Lakof & Johnson (1980), de acordo com a qual “em cima” (*up*) é “bom, desejável” e “embaixo” (*under*) é “ruim, não desejável”, o que se dá também com “à frente” (*in front of*) preferível a “atrás” (*in back of*). O segundo objetivo é mostrar que a estratégia de formar novo verbo pelo acréscimo de uma partícula a uma base verbal é apenas um dos inúmeros recursos que o inglês tem para enriquecer seu vocabulário. Entre as outras estratégias para se formarem novas palavras contam-se as abreviações (*ad, van, fan*), siglas (*radar, laser, aka*) e composições (*laptop, notebook, deadline*), além do uso de recursos oriundos do latim. Tudo isso aumenta consideravelmente o poder referencial-comunicativo do inglês, o que facilitou, juntamente com o poder dos países anglófonos, a transformação do inglês em *lingua franca*.

internacional. O arcabouço teórico que constitui o pano de fundo da investigação é a Linguística Ecológica.

**Palavras-chave:** Verbos frasais; enriquecimento do vocabulário; poder referencial-comunicativo; inglês língua franca internacional; Linguística Ecológica.

### 1. Introdução

Como brasileiro que trabalhou com a língua inglesa por muitos anos, sempre me intrigou o fato de as preposições serem um de seus itens mais difíceis para dominar, inclusive quando ocorrem formando os chamados *phrasal verbs*. Frequentemente eu tinha dúvidas sobre como deveria usar as preposições *on*, *in* ou *at*, por exemplo. No caso específico dos *phrasal verbs*, até hoje sinto um certo complexo de inferioridade por não ser capaz de usá-los como fazem os falantes nativos da língua. Isso se deve ao fato de esses verbos pertencerem ao que há de mais íntimo nessa língua, pois, mesmo que haja um verbo de origem latina como alternativa para a maioria deles, o seu uso revela uma maior familiaridade com a língua.

A expressão *phrasal verb* pode ser traduzida como “verbo frasal”, que não parece muito transparente em português. Como esses verbos são formados por um verbo simples mais uma partícula de natureza preposicional ou adverbial, talvez possamos falar em “verbo-com-partícula” ou “verbo particulado”, expressões que soam um tanto desajeitadas. Uma outra alternativa seria “verbo composto”. Ao longo deste artigo poderei usar qualquer uma dessas expressões uma vez que o nome não é o mais importante, mas sim o que ele designa.

Os verbos frasais existem em grande número na língua inglesa, mas eu vou trabalhar apenas com dois deles, *get* e *put*. O objetivo é averiguar a natureza das partículas (preposição, advérbio) que se juntam a eles e que contribuição elas têm no processo. Como veremos, elas são basicamente de natureza espacial, o que tem a ver com o fato de as preposições geralmente terem, na origem, natureza espacial. Veremos que com a adjunção dessas partículas aos verbos, seu poder comunicativo-referencial se amplia consideravelmente, além de outras estratégias que serão discutidas ao longo do artigo.

Minha base teórica é a versão brasileira da Ecolinguística chamada Linguística Ecológica (LE) (COUTO, 2015). Vendo a língua como interação comunicativa, essa teoria mostra que é preciso levar em conta três tipos de interações ecológicas, duas delas exoecológicas e uma endoecológica, para usar a terminologia proposta por (MAKKAI, 1993) para exterioridade e interioridade da linguagem, respectivamente. As interações exoecológicas são as interações pessoa-mundo usando a linguagem (significação, referência) e as interações pessoa-pessoa (comunicação, interação comunicativa). As interações endoecológicas são intrassistêmicas. Elas são formadas pelas regras sistêmicas que, como regras-regularidade subjazem à sintaxe, à morfologia, à fonologia etc. Com esse pano de fundo, vou discutir o papel das partículas inglesas nas interações comunicativas entre falantes dessa língua, interações nas quais eles se reportam ao mundo extralinguístico (referência). Com isso visio a averiguar o papel desses verbos no incremento do poder referencial da língua inglesa, ao lado de outros recursos que também o alargam e, como sabemos, poder referencial aumenta as possibilidades de interação comunicativa também. Outras estratégias serão abordadas perfunctoriamente na seção 4.

### 2. Alguns dados iniciais

Minha intenção inicial era trabalhar apenas com os verbos frasais elencados em *Essential idioms in English*, de Robert J. Dixon (N. York: Regents Publishing Company, 1978), publicado no Brasil pela Editora Ao Livro Técnico, sem data. Porém, ele incluiu apenas 202 casos, mas sabemos que

## ECO-REBEL

são muito mais que isso. Na lista a seguir apresento as principais partículas que entram na formação desses verbos frasais, indicando com x o lugar da forma verbal básica. Dada a paucidade de exemplos no livro de Dixson, fiz alguns levantamentos em dicionário, como se vê mais abaixo. Do ponto de vista estatístico, é interessante notar que as duas partículas que entraram na formação de mais verbos frasais são *up* (42) e *out* (41). Em segundo lugar vêm *on* e *off*, que não chegam à metade das duas primeiras. As três seguintes, *down*, *over* e *in* são, cada uma, um quarto das duas primeiras. As demais ocorreram 6 vezes ou menos, sendo que as sete últimas só ocorreram uma única vez.

<u>Frase</u>	<u>ocorrências</u>	<u>Frase</u>	<u>ocorrências</u>
to x up	42	to x through	3
to x out	41	to x after	3
to x on	18	to x about	3
to x off	18	to x back	2
to x down	13	to x with	2
to x over	12	to x from	2
to x in	10	to x at	1
to x for	6	to x behind	1
to x away	5	to x forth	1
to x into	4	to x without	1
to x around	4	to x along	1
to x of	4	to x across	1
to x to	3	to x upon	1

Como sabemos, os verbos frasais perfazem várias centenas, embora seja difícil saber com certeza quantos existem. A qualquer momento pode surgir uma nova construção desse tipo. Por isso, vou tomar dois verbos simples como base e averiguar com quantas partículas (preposições, advérbios etc.) eles podem combinar. São eles *get* e *put*, como aparecem no *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language* (New revised edition). Ele define *get* da seguinte maneira: “To receive or come to have possession, use, or enjoyment of” (receber ou vir a ter posse, uso ou usufruto de). Quanto a *put*, é caracterizado como “To move or place [anything] so as to get it into or out of some place or position” (mover ou colocar [qualquer coisa] de modo a tê-la em ou fora de algum lugar ou alguma posição).

O dicionário apresenta 19 exemplos de composições com *get*, que são *get about*, *get around*, *get across*, *get ahead* (+ *get ahead of*), *get along*, *get on*, *get round*, *get at*, *get away* (+ *get away with*), *get back*, *get by*, *get down*, *get in*, *get off*, *get out*, *get over*, *get through*, *get to*, *get up*. Há outras construções com esse verbo que não serão consideradas, tais como *get even*, *get going*, *get it* e *get together*. Quanto a *put*, o dicionário apresenta 14 exemplos: *put about*, *put across*, *put aside*, *put down*, *put forth*, *put forward*, *put in*, *put off*, *put on*, *put out*, *put over*, *put through*, *put up* (+ *put up with* e *put up to*), *put upon*.

Alguns verbos frasais são correntes no Brasil, às vezes até mesmo funcionando como substantivo. Por exemplo, quando vamos viajar, temos que fazer *check in* na chegada no aeroporto (pouco depois temos o *take off* do avião) e no hotel em que nos hospedarmos. Ao sair do hotel, temos que fazer o *check out*. Nos esportes temos *play off*, *knock out*, *stand up* e muitos outros. Em outras áreas temos *setup* (instalar um software no computador), *start up*, *lock down*, *back up*, *stand by*, *black out* etc. Em várias passagens deste artigo podemos ver muitos outros exemplos.

Algumas partículas podem ocorrer também antes da base verbal, embora nesse caso a construção funcione mais como substantivo, embora alguns casos funcionem também como verbo e as vezes até como adjetivo, como *upgrade* (ascensão, promover, ascensional), *upset* (revés, perturbar/verter, aflito), *outlet* (escape, saída, ponto de venda, tomada) e *outlook* (perspectiva, prospecto para o futuro), *inborn* (inato) e *dwonplay* (minimizar). Às vezes a partícula antes do radical verbal indica nominalização de um verbo com a partícula posposta, como *uptake* (compreensão, acatamento) nominalização de *take up* (act of taking up ‘ato de suspender, dedicar-se a’).

### 3. Teoria

Para a Linguística Ecológica a língua é interação, de qualquer perspectiva que a encaremos. Assim, no ecossistema linguístico temos as já mencionadas interação pessoa-mundo (interação organismo-meio, na Ecologia biológica) e a interação pessoa-pessoa (organismo-organismo, na Ecologia biológica), sendo a primeira correspondente à referência ou significação e a segunda à comunicação, ou interação comunicativa. Mas, diferentemente do ecossistema biológico, no ecossistema linguístico há um terceiro tipo de interação, as interações sistêmicas, tradicionalmente chamadas de gramática ou estrutura, mas que a LE prefere chamar de organização. O presente artigo trata da combinação (organização) de uma partícula preposicional/adverbial com uma base verbal, formando os conhecidos verbos frasais, ou verbos-com-partícula, embora o objetivo imediato do processo seja a formação de novos itens lexicais. As partículas que se adjungem à base verbal geralmente são preposições ou advérbios, com o que quase todas têm uma origem espacial, como se pode ver partindo da proposta de Pottier (1962) e da ecologia das relações espaciais (ERE) da Linguística Ecológica (COUTO, 2007a, 2007b; SIMIÃO, 2016, 2018).

Esses verbos particulados são mais usados na linguagem falada, em diálogos, finalidade primordial das línguas. Na linguagem escrita eles tendem a ocorrer menos, uma vez que os de origem latina que podem substituí-los são tidos como mais “cultos”, mais “chiques”. Eis três exemplos de verbos frasais formados com *get* e *put*, juntamente com equivalentes de origem latina:

-to put up = to erect (erigir)	-to get down = to descend (descer)
-to put up with = to tolerate (tolerar)	-to get in = to enter (entrar)
-to put forward = to propose (propor)	-to get back = to return (voltar)

O linguista francês Bernard Pottier demonstrou que todas as preposições (e algumas outras categorias de palavras, como os advérbios) têm origem espacial, e não apenas as de natureza temporal (que são um subconjunto das espaciais), mas também as que ele chama de nocionais e outros chamam de abstratas (POTTIER, 1962). Por esse motivo, vou partir da proposta de Pottier, que defendia a tese de que toda preposição é redutível à espacialidade (POTTIER, 1962). Essa proposta será complementada pela ERE, que emergiu no seio da Linguística Ecológica (COUTO, 2007a, 2007b). A figura que se tem usado tradicionalmente para representar a ERE é a de um observador frente a um cubo, reproduzida na figura 1 logo a seguir de forma adaptada às preposições do inglês. As posições de interioridade (*inside*), superioridade (*on*) e inferioridade (*under*) na verdade independem de observador, como está amplamente demonstrado na literatura pertinente. As demais posições só existem da perspectiva de um observador: anterioridade (*before*), posterioridade (*behind*), dexteridade (*on/to the right of*) e sinistridade (*on/to the left of*). Existe ainda a posição geral de exterioridade (*out*), não representada na ERE; ela constitui a lateralidade, que inclui dexteridade e sinistridade.

## ECO-REBEL

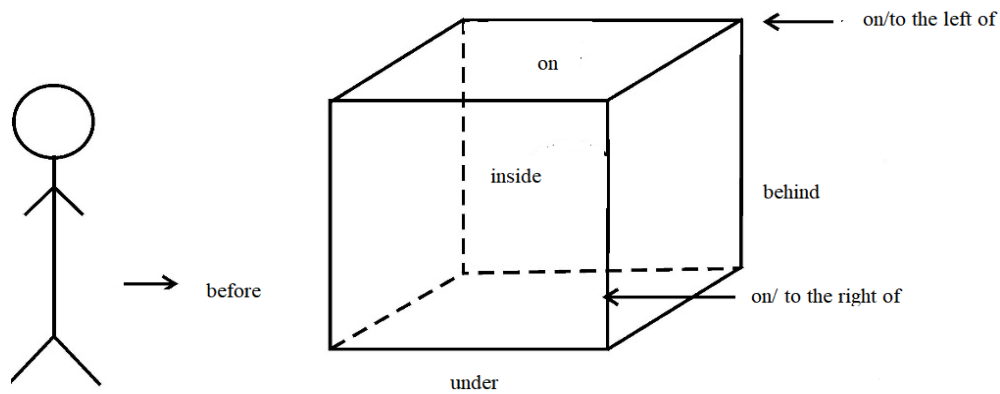
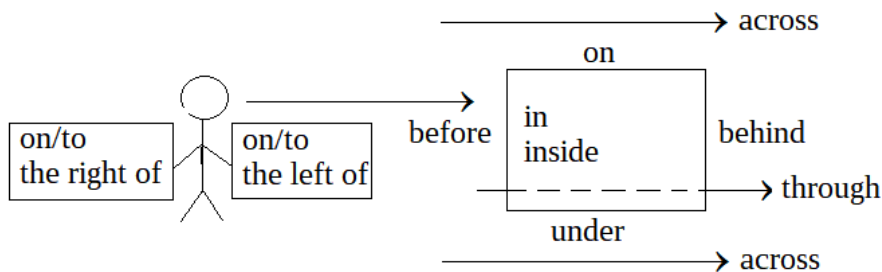


Fig. 1

As relações espaciais representadas na figura 1 estão repetidas na figura 2 a seguir, com mais informação visual sobre seu valor. Na dimensão vertical pode-se ir de *under*, passando por *in/inside* até *on*. Na direção horizontal, partindo do observador temos *before*, *in/inside* até *behind*. Entre parênteses, podemos asseverar que isso confirma a ideia de que o tempo é uma dimensão do espaço, assunto atinente à Física Teórica e à Filosofia, tanto que o tempo apresenta os mesmos momentos da dimensão horizontal, mesmo que sejam representados por palavras diferentes, no caso, *before* > *on* > *after*, como em *before April 22*, *on April 22* e *after April 22*..



('on', 'under', 'before', 'behind', 'on/to the right/left of', são todos 'out', tudo que não é 'in/inside')

Fig. 2

É a partir dessa base que discutirei a espacialidade das partículas que ocorrem nas frases verbais inglesas que, como já vimos, em geral são de natureza preposicional, originariamente espaciais, como demonstrado por Pottier e tido como pressuposto no modelo da ERE. Na figura 3 apresento as preposições e locuções prepositivas de modo mais visualmente icônico. Em seguida, tentarei entender o valor agregado à base verbal pela partícula e se esse valor tem a ver com a espacialidade da ERE.

A figura 3 mostra que as preposições e advérbios espaciais não são necessariamente estáticas. As setas mostram que elas podem indicar movimento para cima (*upward*), para baixo (*downward*), para trás (*backward*), para frente (*forward*), para fora (*outward*) e para dentro (*in/into*). Na figura 2 já havíamos visto que o movimento através de algo tridimensional, como o cubo, pode passar por dentro dele (*through*) ou por fora (*across*), ou seja, pela lateralidade.

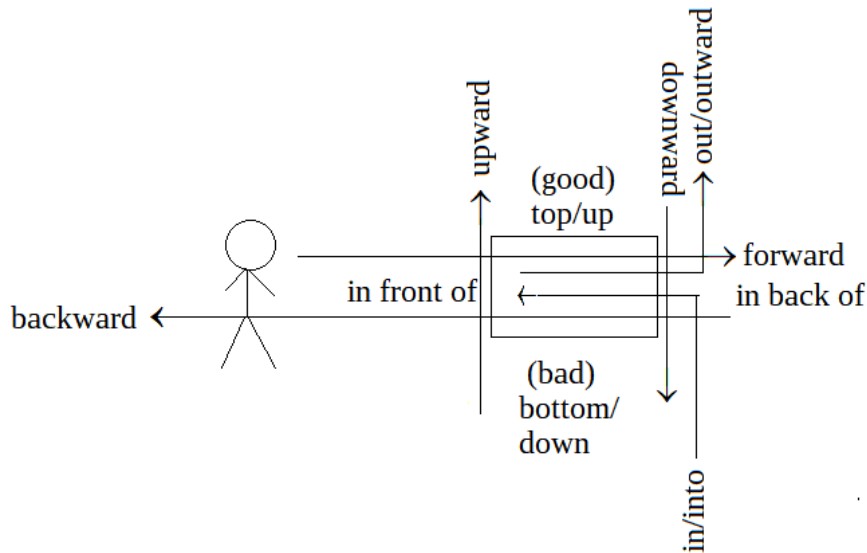


Fig. 3

#### 4. Língua gramatical e língua lexical

John Hyman fez uma interessante distinção entre “grammatical language” e “lexical language”. Como sintetizado por Suzanne Romaine, a tese de Hyman alega que “As línguas lexicais têm um grande estoque de raízes primárias, ao passo que as línguas gramaticais têm um pequeno estoque e suprem essa escassez com o uso de construções perifrásticas” (circunlóquios). Romaine exemplifica com o crioulo inglês da Papua-Nova Guiné chamado tok pisin, em que se têm longas perífrases como *gras bilong fes* (*beard*) ‘capim da face’ (barba) e *gras bilong hed* (*hair*) ‘capim da abeça’ (cabelo) (ROMAINE, 1988, p. 35). Para mais pormenores pode-se consultar Hyman (1985). Como se vê, o inglês tem itens lexicais (palavras) que não existem como tais no tok pisin, que precisa recorrer a circunlóquios para expressar o que o inglês expressa por uma única palavra. Mas, como está discutido ao longo de todo este artigo, o inglês dispõe de outras estratégias para formar palavras de natureza substantival relativamente curtas, como *laptop*, *cashback*, *notebook* e *lockdown*, além dos verbos frasais.

Em geral, as palavras inglesas de origem anglo-saxônica são curtas, apresentam alta maleabilidade de combinação e de significação (polissemia), muitas podem ser abreviadas (*van*, *fan*, *laser*, *teenager* etc.). Tudo isso faz do inglês uma “língua lexical” (*lexical language*), mais que uma “língua gramatical” (*grammatical language*) (HAIMAN, 1985, p. 166; ROMAINE, 1988, p. 35), o que garante uma maior amplitude de poder referencial e comunicacional, ou seja, falar de mais coisas de forma sintética, sem que o falante tenha que recorrer a longos circunlóquios. O português e as línguas latinas em geral têm muitas flexões, mas suas palavras não são nada flexíveis relativamente às funções gramaticais. O inglês, ao contrário, tem poucas flexões mas suas palavras são altamente flexíveis gramaticalmente: a mesma palavra pode ser substantivo, adjetivo, verbo etc., como o caso de *down* mencionado um pouco mais abaixo na presente seção do artigo.

Vejam algumas outras estratégias que o inglês tem para criar novos itens lexicais. Entre esses recursos temos, além da já mencionada (composição), a) redução de palavras, ou abreviação: *lab* < *laboratory*; *rehab* < *rehabilitation*; *veggie* < *vegetarian/vegetables*; *ad* < *advertisement*; *bike* <

## ECO-REBEL

*bicycle*; *bot* < *robot*; *van* < *caravan*; *fan* (*devotee*) < *fanatic*; *vet* < *veterinarian*; b) siglas: *aka* < *also known as*; *asap* < *as soon as possible*; *VIP* < *very important person*; *PIN* < *personal identification number*; *laser* < *light amplification by stimulated emission of radiation*; *radar* < *radio detection and ranging*; c) hipocorísticos: *Bill/Will* < *William*; *Josh* < *Joshua*; *Alex* < *Alexander/Alexandra*; *Doug* < *Douglas*; *Beth/Betty/Bettie/Betsy* < *Elizabeth*; *Jim/Jimmy* < *James*; *Joe* < *Joseph* etc. Por sinal, a hipocorística inglesa é bastante prolífica. Todas essas estratégias advêm do desejo de economizar tempo nos atos de interação comunicativa, fato que já ocorria na antiga Roma. Afinal, os ingleses dizem que *time is money* (o tempo é dinheiro), logo, deve ser usado com parcimônia.

Na área da informática e redes sociais bem como na das ciências e esportes, há uma enxurrada de termos ingleses que são usados não só no português, mas em diversas outras línguas, como o alemão, o japonês e até o francês, tão avesso a estrangeirismos. Cada um desses tópicos merece um estudo aprofundado à parte, e a maioria deles já foi explorada de diversas perspectivas teóricas. Além do que acaba de ser dito, já foi observado acima que a maioria das palavras da língua inglesa é polissêmica, pode ter mais de um sentido, designando coisas diferentes. Por exemplo, para *get*, sem partícula, o *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary* registra 26 acepções, fora as 30 que ele apresenta quando combinado com uma partícula. Para *light* ele apresenta nada menos do que 81 sentidos ligeiramente diferentes (a maioria) ou muito diferentes (a minoria), como o de *descend* (descer) e *fall* (cair). Em geral muitas palavras inglesas são também multifuncionais. A própria palavra *light* aparece como substantivo, verbo e adjetivo. Ainda segundo esse dicionário, *down* pode ser advérbio, preposição, adjetivo, substantivo e verbo. Vale dizer, as palavras inglesas em geral apresentam uma alta maleabilidade léxico-referencial e sintático-funcional, o que enriquece sobremaneira o estoque lexical da língua e, conseqüentemente, seu poder referencial-comunicacional. Em suma, há uma tendência a lexicalizar tudo, pois lexicalizar é dar um nome (a algo) e, sempre que possível, da maneira mais curta e prática possível. Os falantes de português são cheios de dedos quando se trata de usar um termo novo, frequentemente se perguntando “se ele está no dicionário” ou se não é muito especioso, “culto” ou muito popular. Para dar um pequeno exemplo, desativaram as palavras *alhures* (*elsewhere*), *algures* (*somewhere*) e *nenhures* (*nowhere*), preferindo usar circunlóquios no lugar delas, como *em outro lugar*, *em algum lugar* e *em nenhum lugar*, respectivamente, jogando-as no arquivo morto dos arcaísmos. Como se vê entre parênteses, o inglês tem e mantém as três formas simples correspondentes plenamente ativadas.

Até o líder do movimento de libertação da atual Guiné-Bissau e tido como o pai da nacionalidade guineense, Amílcar Cabral, disse que línguas africanas como o balanta e o crioulo guineense não têm recursos sintéticos para dizer “satélite natural”, como em “a lua é um satélite natural da terra”. Em suas palavras, “É preciso falar muito para o dizer, [...] enquanto que em português basta uma palavra” (CABRAL, 1990, p. 60). Cabral reconheceu, portanto, que o português tem um potencial referencial maior do que as línguas nativas africanas de seu país de então, mesmo não dispondo, como o inglês, de recursos como o da formação de compostos curtos (*laptop*, *notebook*) pela justaposição de dois radicais também curtos (*lap*, *note*, *top*, *book*) e o dos verbos frasais, além de muitas derivações com morfemas latinos e outros recursos.

Por fim, mesmo não sendo os processos derivacionais tão naturais no inglês como são nas línguas latinas e no próprio latim, seus falantes podem lançar mão inclusive deles, produzindo palavras longas como *incomprehensibility*, *sesquipedalianism*, *counterrevolutionary*, *deinstitutionalization* etc. Isso também contribuiu para aumentar o poder referencial da língua, mesmo que essas palavras pertençam mais ao inglês estatal, como esse conceito é entendido na Linguística Ecosistêmica, que classifica os níveis da linguagem em dialetal, urbano e estatal.

Sabemos que a língua/linguagem apresenta duas faces como a cara e coroa de uma moeda, ou seja, as interações pessoa-mundo e as interações pessoa-pessoa, vale dizer, a referência e a comunicação, respectivamente. Referência e comunicação são interdependentes, a relação entre elas é dialética. Apesar disso, algumas teorias enfatizam uma dessas faces da linguagem, ignorando a outra. O inglês é uma língua lexical (interações pessoa-mundo), mas, por isso mesmo permite a seus falantes falar de mais coisas (interações pessoa-pessoa).

## 5. Discussão

Em um livro que trouxe grandes contribuições para a Semântica, a Pragmática e os objetivos do presente artigo, Lakoff & Johnson (1980, p. 14-17) falam de “orientational metaphors”, entre elas, *up-down*, *in-out*, *front-back*, *on-off*. Para *up-down*, eles argumentam que *up* (topo, cimo, sobre) é “bom” e *down* (baixo, fundo, sob) é “ruim”. Com base nessa ideia, eles apresentam as seguintes metáforas, que dão lugar a inúmeras expressões: (1) *Happy is up – Sad is down*, (2) *Health and life are up – Sickness and death are down*, (3) *Having control or force is up – Being subject to control or force is down*, (4) *More is up – Less is down*, (5) *Good is up – Bad is down*. Sobre a metáfora (1) ressaltamos os exemplos deles *I’m feeling up – I’m feeling down*, equivalentes a algo como *Eu estou me sentindo pra cima – Eu estou me sentindo pra baixo* em português. Esta e as outras 4 metáforas são retomadas ao longo de todo o livro, além de outras. As ideias de *front-back*, porém, foram tratadas apenas periféricamente, como na metáfora (6) *Foreseeable future is up (and ahead)* (futuro previsível é para cima’ (e ‘para frente’), em que *ahead* (adiante, em frente) é associado a *up*, logo, a “bom”. Em várias passagens deixamos implícito que *ahead/in front of* (à frente de) é melhor do que *in back of* (atrás de), “ir para a frente” é sempre melhor do que “ir para trás”. Assim, progresso significa ir para frente, tornando-se maior (mais grande), e “grande” é *up*. Mesmo em português há muitas expressões que se enquadram nessa metáfora, tais como “atrasado”, “retrogrado” e “antiquado”, por oposição a “avançado”, “vanguarda”, “estar na dianteira” e outras. Qualquer mãe e qualquer pai desejam que seu filho seja um menino “de futuro”, não “de passado”.

Existe também a *in-out orientation* (orientação para dentro/fora) (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 29-32), metáfora do “continente/conteúdo”. Até mesmo em português “estar por dentro” do assunto é melhor do que “estar por fora” dele. Isso acontece mesmo diante do fato de que, como se pode inferir da observação das figuras 1 e 2, sobretudo a segunda, a exterioridade (*out*) compreende todas as posições que não sejam *in/inside*, à qual elas se opõem. Tanto que essa posição é chamada de universal em alguns contextos, uma vez que a semente dentro de uma fruta (relação de interioridade) independe de observador, caso também da superioridade (*on*) e da inferioridade (*under*), como se pode ver já em Couto (2007a, p. 139-143), com exemplos do português.

Vejamos os significados dos verbos frasais formados com *get* e *put* elencados na seção 2, a fim de averiguar se estão em consonância que a metáfora de Lakoff & Johnson. Para tanto, parto de novo do *Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language*, que apresenta 21 composições com *get* e 16 com *put*. Incluirei apenas os verbos que se compõem com uma partícula que entre na categoria orientacional, ou seja, que esteja diretamente inserida no modelo das figuras 1, 2 e 3 supra. Como cada composição com as bases *get* e *put* tem várias acepções, saliento em negrito a acepção que representa o que pretendo mostrar, isto é, as ideias de “bom” e “ruim”, embora isso seja um tanto subjetivo.

1. ***get about*** = (a) to move about; **to be active**; (b) to become known; (c) **to be socially active**;
2. ***get across***=(a) **to make or become understandable**; (b) to be convincing about;
3. ***get ahead*** = **to be successful**, as in society, business;



## ECO-REBEL

4. **get ahead of** = to surpass; outdo;
5. **get along** = (a) to go away; leave; (b) see *get on*;
6. **get around** = (a) to circumvent; outwit; (b) **to integrate oneself with (someone) through flattery or cajolry**; (c) to travel from place to place; circulate; See also *to get round*;
7. **get at** = (a) to reach; touch; (b) to hint at or imply; intimate; (c) to discover; determine; *d.informal*: **to influence by surreptitious means**; bribe;
8. **get away** = (a) to escape; **flee**; (b) to start out; leave;
9. **get away with** = **to accomplish with impunity; avoid punishment**;
10. **get back** = (a) to come back; return; (b) to recover; regain; (c) **to be revenged**;
11. **get by** = (a) **to succeed in going past**; (b) **to manage to exist**, to survive, **continue in business**; (c) to escape the notice of;
12. **get down** = (a) to bring or come down; to descend; (b) to concentrate; attend; (c) **to depress; discourage; fatigue**; (d) to swallow;
13. **get in** = (a) to go into a place; enter; (b) to arrive; come; (c) to become associated with; (d) **to be chosen, as for office, membership**; (e) to become implicated in;
14. **get off** = (a) **to escape the consequences of or punishment for one's action**; (b) to help (someone) escape punishment; (c) to begin a journey; leave; (d) to leave (a train, plane, etc.); dismount from (a horse); alight; (e) to tell (a joke); express (an opinion); f. *Slang*: to have the effrontery;
15. **get on** = (a) **to make progress**; proceed; **advance**; (b) **to have sufficient means to manage, survive or fare**; (c) **to be on good terms**; agree; (d) to advance in age;
16. **get out** = (a) to leave (often followed by of); (b) **to become publicly known**; (c) to withdraw or retire (often followed by of); (d) to produce or complete;
17. **get over** = (a) **to recover from**; (b) see *get across*;
18. *get round* = *get around*;
19. *get through* = (a) **to succeed, as in meeting or reaching** (usually followed by to); (b) to complete; finish; (c) to make oneself understood;
20. **get to** = (a) **to get into communication with**; contact; (b) *Informal*: **to make an impression on**; affect;
21. **get up** = (a) **to sit up or stand**; arrive; (b) to rise from bed; (c) to ascend or mount; (d) to prepare; arrange; **organize**; (e) **to acquire a knowledge of**; (f) (to a horse) go! go ahead! go faster!; (g) to launder or clean; (h) *Informal*: to dress as in a costume or disguise; (i) *Informal*: **to produce in a specified style, as a book**.

Nota-se que o poder referencial de *to get* aumentou consideravelmente. Sozinho ele já é altamente polissêmico, com mais de 27 acepções, ainda segundo o dicionário. Além disso, há outras combinações, tais como *get going*, *get even*, *get together*, *has got* e *have got*, que não são relevantes para os objetivos do presente artigo. O que interessa é a natureza das diversas acepções que o verbo adquire quando se lhe adjunge uma partícula. Dos 21 exemplos, cerca de cinco expressam ideias que vão na direção do “ruim”, algo individual e socialmente não desejável. Porém, mais do dobro disso aponta para algo “bom”, desejável, nas mesmas condições.

Do verbo *to put*, o dicionário apresenta 16 composições com partículas, como se pode ver a seguir.

1. **put about** = (a) *Naut.* to change direction as on a course; (b) to start (a rumor); circulate; (c) **to inconvenience; trouble; d.to disturb; worry**; (e) to turn in a different direction;
2. **put across** = (a) *Slang*: **to cause to be understood or received favorably**; (b) **to do successfully**; accomplish; (c) **to be successful in** (a form of deception);
3. **put aside** = (a) to store up; save. Also *set aside*;

## ECO-REBEL

4. **put down** = (a) to write down; register; record; (b) **to suppress**; to check; (c) to attribute; ascribe; (d) *Slang*: **to humble; humiliate, embarrass (someone)**; (e) to dig or sink as a well; (f) *Brit.* To **destroy** (an animal); (g) **to land an aircraft or in an aircraft**.

5. **put forth** = (a) to bring out; bear; **grow**; (b) to propose; present; (c) to bring to public notice; publish; (d) to exert; exercise; (e) to set out; to depart;

6. **put forward** = (a) to propose; **advance**; (b) to nominate, promote, or support, as for a position.

7. **put in** = (a) *Naut.* **To enter a port or harbor, esp. for shelter, repairs, or provisions**; (b) to interpose; intervene; (c) **to spend (time) as indicated**; (d) to apply for or request something;

8. **put off** = (a) to postpone, defer; (b) to rebuff, repel; (c) to get rid of by delay or evasion; (d) to lay aside; take off; (e) to start out, as on a voyage; (f) to launch (a boat) from shore or from another vessel;

9. **put on** = (a) **to assume insincerely or falsely; pretend**; (b) to clothe (oneself); dress; (c) to assume; adopt; (d) to inflict; impose; (e) to produce; stage; (f) *Slang*: to act in a pretentious or ostentatious manner; exaggerate;

10. **put out** = (a) to extinguish as a fire; (b) to confuse; to embarrass; (c) to be disturbed or annoyed; (d) to subject to inconvenience; (e) *Baseball, Softball, cricket*: **to cause to be removed from an opportunity to reach base or score**; retire; (f) to publish; (g) to go out to sea; (h) to manufacture; prepare; produce; (i) to exert; apply; (j) *Slang (vulgar)* (of a woman) to indulge in coitus.

11. **put over** = (a) *Informal*: **to succeed in**; accomplish; (b) to postpone; defer;

12. **put through** = (a) **to complete successfully**; execute; (b) to bring about; effect;

13. **put up** = (a) to construct, erect; (b) to can (vegetables, fruits, etc.); preserve (jam, jelly, etc.); (c) to set or arrange (the hair); (d) to provide (money); contribute; (e) *Informal*: to accommodate; lodge; (f) to display; show; (g) *Informal*: to stake money in a wager; (h) to propose as a candidate; nominate; (i) *Archaic*: **to sheathe one's sword; stop fighting**;

14. **put up to** = *Informal*: **to provoke**; prompt; incite;

15. **put upon** = **to take unfair advantage of**; impose upon;

16. **put up with** = *Informal*: **to endure; tolerate**; bear.

Semelhantemente ao que aconteceu com *to get*, o verbo *to put* tem seu poder referencial altamente aumentado, além das mais de 19 acepções que ele já apresenta quando usado sem partículas. Há pelo menos dois casos de combinações com mais de uma partícula, como *put up to* e *put up with*, além de usos como *stay put* e outros como substantivo. É interessante notar que com a base verbal *put* a distribuição de acepções pelos campos semânticos “bom” e “ruim” se apresenta de modo mais equilibrado, com sete para “bom” e seis para “ruim”, de novo, julgando um tanto subjetivamente.

Além de *get* e *put*, praticamente a todo e qualquer verbo inglês se pode acrescentar alguma partícula a fim de matizar sua referência, embora nem sempre todos os usos possam ser considerados como um novo verbo, uma forma lexicalizada. Por exemplo, em “He put the book on the table” (Ele pôs o livro sobre a mesa) a partícula *on* não tem a mesma função que a de *put on* da segunda lista. Ela é parte de uma construção sintática, como a do *sobre* da tradução portuguesa, que representa a regência indireta do verbo.

Como amplamente demonstrado por Lakoff & Johnson (1980), praticamente todas as acepções novas têm a ver com espacialidade, mas com a observação de que na cultura ocidental as ideias de “em cima” (superioridade), “à frente” e “dentro” indicariam algo desejável, “bom”, ao passo que “embaixo” (inferioridade), “atrás de” e “por fora” se voltam mais para a direção do não desejado, “ruim”. A rejeição à ideia de “estar por baixo, embaixo, no fundo” se justifica com o fato de se pensar que o inferno está em algum lugar bem baixo, ao passo que o céu está lá em cima. Assim, estar “por baixo” ou “debaixo”, “embaixo” é estar subjugado, não ser senhor da própria vontade.

O inferno é lugar de sofrimento, ao passo que o céu é o lugar de refrigério. Todo mundo evita a primeira situação e luta pela segunda.

Independentemente dos valores ocidentais expressos nessas ideias, o fato de o inglês ter se tornado a língua franca internacional tem a ver pelo menos em parte com o recurso de enriquecer o estoque de verbos mediante a adição de uma partícula, formando um novo verbo, embora essa seja apenas uma das estratégias de enriquecimento do vocabulário de que a língua dispõe, revelando uma alta versatilidade para se formarem novas palavras, como as possibilidades que foram comentadas na seção 4. Além disso, as palavras-base são altamente flexíveis semanticamente, polissêmicas, ou seja, após onomasiologicamente formadas podem se referir a outras situações. São também multifuncionais: acima já vimos que a palavra *light* pode funcionar como substantivo, verbo ou adjetivo; *down* aparece como advérbio, preposição, adjetivo, substantivo ou verbo. Além disso, os morfemas básicos são formados por poucas sílabas, sendo muitos deles monossilábicos. Finalmente, temos o poder científico, econômico, político, militar e de prestígio dos países em que o inglês é falado, ou seja, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, além de casos como a África do Sul e da Índia, entre outros.

### 6. Observações finais

O ideal seria trabalhar com todas as frases verbais da língua, partindo de atos de interação comunicativa concretos proferidos por membros de determinada comunidade de fala, mesmo que seja de uma comunidade de fala nacional (um país). Outra alternativa seria trabalhar com grandes quantidades de dados, como se faz na Linguística de Corpus. Porém, isso seria uma tarefa ingente, nenhum pesquisador individual conseguiria fazê-lo, motivo pelo qual decidi trabalhar com apenas dois verbos como base e com dados do dicionário. Infelizmente, dada a dinamicidade da língua, que está sempre se adaptando às novas necessidades comunicativas de seus usuários, dados de dicionário podem estar bastante desatualizados. Mas, aqui fica a sugestão de uma nova abordagem às partículas quando se adjungem a uma base verbal simples para ampliar o poder referencial-comunicativo da língua. A língua inglesa já foi esquadrihada no mundo inteiro, de tudo quanto é ponto de vista. No entanto, podemos dizer com certa dose de segurança que esses verbos complexos nunca tinham sido estudados da perspectiva da Linguística Ecológica. Os estudiosos de Epistemologia geralmente deixam entender que apresentar uma nova interpretação de dados já interpretados no âmbito de uma ou mais teorias científicas é válida. Se a que acabo de apresentar é melhor ou pior do que as anteriores só o tempo pode dizer.

Por fim, e retornando à ideia de inglês como língua internacional, ele geralmente tem expressões relativamente simples para atribuir a novos conceitos e a novas situações, sendo que outras línguas têm que recorrer a longos circunlóquios ou a empréstimos .... do inglês. Mesmo não tendo a sofisticação dos torneios sintáticos do alemão e das línguas latinas, por não ser uma “língua gramatical” nos termos de John Hyman e Suzanne Romaine, apresenta um potencial lexical altamente sofisticado. Isso permite falar de mais coisas de maneira simples, donde sua riqueza nas interações indivíduo-mundo, ou seja, no poder referencial-comunicativo. O inglês é de fato a língua franca internacional para comunicação interlinguística em qualquer parte do mundo, fazendo do planeta terra uma espécie de comunidade de fala inglesa global. O processo é reforçado pelo poder econômico, tecnológico, político, militar e de prestígio dos países em que é falado. Ele assumiu o papel que o oculista polonês Ludwik Lejzer Zamenhof quis que fosse exercido pelo esperanto, língua artificial criada por ele em 1887 para ser a língua de comunicação interlinguística no mundo inteiro. Apesar de ser uma língua muito simples e fácil de aprender (sua gramática consta de 16 regras sem exceção, portanto, podem ser aprendidas em poucas horas)<sup>2</sup> esse bem intencionado projeto não conseguiu se impor integralmente, apesar de haver pequenos grupos que

## ECO-REBEL

praticam a língua em quase todos os países. Com sua grafia bastante complexa e uma gramática bem mais complicada, o inglês conseguiu esse feito. Tudo isso é argumento em prol da ideia de uma imensa comunidade de fala global inglesa, na qual o inglês é a língua (L), os habitantes da terra que tenham necessidade de se comunicar com algum aloglota são a população (P) e a própria terra o território (T) dessa comunidade de fala global. Isso está em perfeita sintonia com o conceito original de ecossistema na Biologia (TANSLEY, 1935)<sup>3</sup>, pois comunidade de fala é o ecossistema linguístico por excelência.

### Notas

<sup>1</sup>Agradeço os comentários feitos a uma versão anterior deste artigo por Ubirajara Moreira Fernandes e Hildo Honório do Couto. Eles me fizeram melhorar muito o artigo, mas não têm nenhuma responsabilidade por qualquer falha que eventualmente possa persistir (M.M.G.S).

<sup>2</sup>Existe muito material para estudo, inclusive na internet. Na *Wikipedia*, por exemplo, pode-se ver, entre outros materiais, uma gramática do esperanto:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica\\_do\\_esperanto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica_do_esperanto)

<sup>3</sup>Tansley (1935) disse que até o universo inteiro poderia ser considerado um ecossistema (máximo) e o átomo também (ecossistema mínimo), embora ele não tenha usado esses termos. Para uma pormenorizada discussão sobre o conceito de ecossistema na Linguística Ecolinguística, ver Couto (2016).

### Referências

- CABRAL, Amílcar. A questão da língua. *Papia* v. 1, n. 1, p. 59-61, 1990.
- COUTO, Hildo Honório do. A reduplicação em português. *Lusorama* 40.29-49, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Ecologia das relações espaciais - as preposições do crioulo guineense*. *Papia* 17.80-111, 2007b
- \_\_\_\_\_. *Linguística ecossistêmica*. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015.
- <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>
- \_\_\_\_\_. *Comunidade de fala revisitada*. *ECO-REBEL* v. 2, n. 2, p. 49-72, 2016.
- HAIMAN, John. *Natural syntax: Iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MAKKAI, Adam. 1993. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers.
- POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relation*. Paris: Klincksieck, 1962.
- ROMAINE, Suzanne. *Pidgins and creole languages*. Londres: Longman, 1988.
- SIMIÃO, Lajla Katherine Rocha. Uma abordagem ecolinguística das preposições portuguesas. *Cadernos de Letras da UFF* v. 26, n. 53, p. 403-421, 2016. Disponível em:
- <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43614>
- \_\_\_\_\_. *Um estudo ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2018.

## **ECO-REBEL**

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* 16,3, p. 284-307, 1935.

Aceito em 29 de novembro de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 1, 2024.